

## Navegando nas profundezas do filósofo-profeta: uma ambiência líquida no pensamento de Vilém Flusser

Rafael Malhado<sup>1</sup>



FELINTO, Erick. **O Cartógrafo sem Bússola: Vilém Flusser, Prolegômenos a uma Teoria do Pensamento Líquido**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

**Resumo:** Para analisar as ideias de Vilém Flusser, é preciso navegar por diversos temas e a partir de diversos pontos de vista do autor, onde o fazer científico flerta com a imaginação e questões pós-humanistas e identitárias ganham força. Em *O Cartógrafo sem Bússola: Vilém Flusser, Prolegômenos a uma Teoria do Pensamento Líquido* (2022), Erick Felinto caracteriza Flusser como um filósofo de pensamento movente, que se distancia de teorias fixas, estabelecendo suas teses a partir do risco e da fluidez do pensamento. Com isso, o pensador de Praga conquista atributos que caracteriza suas ideias a partir de uma *ambiência líquida*: um estar de um pensamento corrente, em constante movimento e, portanto, sempre distante do que é convicto o tempo todo.

**Palavras-chave:** Vilém Flusser; Imaginação, Pós-humano; Identidade; Pensamento Líquido.

### Navigating in the depths of the prophet-philosopher: a liquid ambience of Vilém Flusser's thought

**Abstract:** To analyze Vilém Flusser's ideas, it is necessary to navigate through different themes and from different points of view of the author, where scientific work flirts with imagination and post-humanist and identity issues gain strength. In *O Cartógrafo sem Bússola: Vilém Flusser, Prolegômenos a uma Teoria do Pensamento Líquido* (2022), Erick Felinto characterizes Flusser as a philosopher of

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM-UERJ, Mestre em Comunicação pelo PPGCOM-UERJ, Pesquisador no Grupo de Pesquisa POPMID/UERJ: Reflexões sobre gêneros e tendências em produções midiáticas e Pesquisador no LABIM/UERJ: Laboratório de Estudos da Imagem e do Imaginário. Email: [rafael.malhado@gmail.com](mailto:rafael.malhado@gmail.com).

moving thinking, who distances himself from fixed theories, establishing his theses from the risk and fluidity of thought. With this, the thinker from Prague conquers attributes that characterize his ideas as of a *liquid ambience*: a being of current thought, in constant movement and, therefore, always distant from what he is convinced of all the time.

**Keywords:** Vilém Flusser; Imagination; Post-human; Identity; Liquid Thinking.

Exercite a seguinte imaginação. Uma embarcação a flutuar ainda ancorada, com um balançar que movimentava o tempo todo e sem deixar manter os pés fixos. As águas e seus sons chocando no barco – um *contra-barco* e um também *contra-água*. Gaivotas passando pelos céus em caminhos contrários à realidade das nuvens avistadas. No ângulo um pouco acima da ponta da proa, o ponto de vista do mar e seu horizonte. A âncora é içada, e a nau, então, parte rumo à linha que divide céu e oceano, como uma página de livro. Contudo, uma incerteza: que destino há de ser velejado e com o que há de se deparar no navegar dessa narrativa? E se a resposta fosse encontrar vestígios do percurso de um ser vivo quase não explorado ou que pouco foi evocado até então? E se o que se tem para rastreá-lo é um registro de mais de duzentas páginas que funcionam como *teorias-rotas*?

A própria atividade de imaginar o que foi descrito acima já é uma tarefa repleta de diversos prismas. Em primeiro lugar, é provável que cada um de nós tenha tido uma diferente imagem da descrição: do barco, do mar, do horizonte etc. É possível que a interrogação seja atravessada pela inquietude de até que ponto tal imagem pode ser real. Por último, vale o questionamento: por que usar de uma imaginação que remete a um cenário no meio do mar para assinalar notas de um livro teórico sobre o filósofo Vilém Flusser? A metáfora inicial simula uma certa atmosfera, olhando para a capa do livro, somente de uma parte do que o leitor pode encontrar ao ler a mais recente obra de Erick Felinto, intitulado *O Cartógrafo sem Bússola: Vilém Flusser, Prolegômenos a uma Teoria do Pensamento Líquido*.

Publicado em 2022, Felinto lança seu livro a fim de trazer concepções preliminares sobre as ideias do praguense que possuem significados de ordens especulativas, anti-antropocêntricas e dialógicas, apontando para uma certa fluidez nas suas reflexões. Em outras palavras, quando diante de certos fenômenos, o autor tcheco-brasileiro apresenta seus *contragolpes* à homogeneidade dos sistemas informativos, ao antropocentrismo, ao nazismo, a partir de sua episteme com substratos de mobilidade, de um afastamento de fundamentos e de apropriada instabilidade. Atributos estes que, por sinal, fazem parte do que podemos caracterizar como uma *ambiência líquida*; um estar de um pensamento corrente, em constante movimento e, portanto, sempre distante do que é convicto o tempo todo.

Ora, o oceano é esse *lugar-não-lugar*, um *locus* que Flusser navegou por diversas vezes por meio de breves reflexemas<sup>2</sup>, por vezes na intenção de buscar nos seres marítimos alguma resposta para a condição humana, sua identidade e seu modo de agir no mundo. E é pelo mar das aspirações do filósofo-profeta, que morou no Brasil por mais de trinta anos, que Felinto organiza uma coletânea de alguns de seus textos publicados sobre o pensador. Assim, o pesquisador decide mapear (os conceitos de Flusser ou fazê-los fluir) no trajeto de uma Teoria do Pensamento Líquido na contemporaneidade.

Felinto nos apresenta a visão central sobre Vilém Flusser para iniciar a cruzada mar adentro: a sua epistemologia imaginativa. O pesquisador enfatiza que tal proposição flusseriana pode ser ambiente profícuo para compreender o cenário contemporâneo, sua sociedade e sua situação imbricada no meio tecnológico. Trazendo a grande problemática no entrecruzamento entre o campo do imaginário e da ciência, Felinto procura propostas para revalorizar o papel da imaginação (apontada nos últimos tempos como definição para o que é da ordem do falso ou do engano).

Felinto recorre, principalmente, ao antropólogo francês Gilbert Durand e suas hipóteses para demonstrar, por exemplo, que o imaginário é origem do alicerce racional e fundador da atividade conceitual e possui, portanto, uma qualidade científica. Dito de outra maneira, a imaginação não pode ser separada da razão. Textos flusserianos, como *L'imagination et l'imaginaire* (1977) e *Science Fiction* (s/d.), foram utilizados pelo autor para definir Flusser como teórico que pensa a tarefa imaginativa na condição de *medium* entre o humano e o mundo, e que, a partir da imaginação, pode prover futuros possíveis.

Para Felinto, o tcheco-brasileiro traz uma saída rentável para os desafios contemporâneos em torno de tal adversidade: fazer uso da imaginação num mundo delimitado por incertezas e designar a ficção novamente como parte integrante na constituição do método científico. A ficção filosófica de Flusser é o que o pesquisador define, então, como sua epistemologia fabulatória – predicado relevante para a reflexão flusseriana em temas, como a arte, a memória, a identidade, a linguagem, dentre tantos outros. Um dos pontos no trabalho de Felinto é, por exemplo, mencionar semelhanças entre a filosofia ficcional flusseriana e a “ficcionalismo” do kantiano Hans Vaihinger, que, no pressuposto do “como se”, dá lugar à imaginação como possível caminho para o desenvolvimento da razão, tal qual Flusser sempre sugeriu.

Na obra, há uma figura da ordem do espanto com que nos deparamos no início das leituras ainda carregado de descobertas: a lula-vampiro-do-inferno, *Vampyroteuthis Infernalis*, um cefalópode que habita as profundezas dos oceanos. É possível avistar a lula-vampiro no mergulho

---

<sup>2</sup> Para Gabriel Borba Filho, os reflexemas flusserianos são uma espécie de “*pílulas de assunto*” que cumprem um papel introdutório sobre um determinado tema mais amplo (BORBA, 2000, p. 35).

de outros capítulos do livro. Em um desses momentos, é o cinema que se transforma numa espécie de “criatura” tentacular, que produz história de forma não-linear e dá origem à ideia dos diferentes pontos de vista flusserianos. O *vampyroteuthis* pode ser encarado como um montador de cinema (“*Filmproduzent*” ou “*Filmemacher*”), emitindo sons, cores e *performances* com seu corpo, que remetem às configurações tecnológicas cinematográficas. É na figura de *vampyroteuthis* que o cinema é elencado como um *medium* na instituição de novas realidades.

Felinto apresenta diversas produções cinematográficas que evocam os seres octopodais presentes no nosso mundo a fim de discutir a representação marginal desses animais. Tal perspectiva aparece quando esses seres vivos estão espelhados em personagens alienígenas, estranhos à vida terrena. É desse ponto de partida que o tcheco quer demonstrar que os octópodes, como lulas e polvos, se tornaram seres cinematográficos de ordem *alien* e que é preciso produzir olhares distintos em torno dessa situação contemporânea.

Nesse sentido, essas imagens significam a concepção da dissolução das fronteiras entre ciência e imaginação, na medida em que Felinto nos traz, novamente, a ficção flusseriana para pensar o fazer científico. Vale ressaltar nesses pontos que Felinto abre espaço para as intenções pós-humanas em Vilém Flusser: o mar e seus habitantes como “outros”, centrais para o abandono do ponto de vista fixo; um espelho invertido da esfera humana. Diante do retrato de demais viventes *sui generis*, o pesquisador discute igualmente o entrecruzamento entre natureza e cultura na junção das definições flusserianas e benjaminianas. Ressaltando criaturas híbridas convocadas por Vilém Flusser, como os octópodes, e por Walter Benjamin, como os anjos, avistamos na cruzada de Felinto que tais seres são símbolos que representam, para estes, a construção da história humana.

Outro elemento que faz parte do constructo sobre o caráter líquido nas elocubrações flusserianas é o ruído. Em *Rede, ruído, arte: a poética flusseriana do glitch*, Felinto resalta uma série de vocábulos da cultura digital para evidenciar o caráter efêmero e volátil no nosso presente permeado pelas tecnologias de informação e comunicação. Se antes havia se tornado infortúnio dos fluxos comunicacionais, hoje o ruído parece estar sendo repensado como parte constitutiva das dinâmicas sociais hodiernas.

Felinto classifica o ruído como elemento central da dimensão de diferença. Ou seja, ao mesmo tempo em que o erro perturba o desempenho do sistema, ele também faz o mesmo sistema funcionar. E é rondando esse aspecto de imprevisibilidade e do que é diferente que Flusser reaparece no livro. A imagem do *hacker* é outro símbolo da cultura digital que o tcheco também faz questão de explorar, identificando neste um indivíduo produtor de gestos que denunciam e subvertem os modelos programáticos da sociedade. Ao recorrer a Flusser, Felinto afirma que o “artista-hacker”

pode ser a expressão de criatividade e de abertura de direções menos previsíveis e mais fluidas nas zonas informacionais.

Toda essa conjuntura na pesquisa de Felinto nos convida a mergulhar ainda mais na ideia de liquidez nas reflexões flusserianas. Assim, monta-se *Gestos, imagens, ambiências* (nome de um dos capítulos) para estabelecer um diálogo com três teóricos presentes em diversos textos de Felinto: Vilém Flusser, Aby Warburg e Hans Ulrich Gumbrecht. O intuito é ruminar o conceito de “ambiência” (*Stimmung*) – contudo, mostrando que, em todos eles, a atmosfera de um fundamento do risco encontra-se presente.

Em Warburg, o pesquisador exalta seu projeto *Atlas Mnemosyne*, criado para compreender de forma singular os fenômenos estéticos até então, no intuito de interpretar de maneira não isolada as imagens ali dispostas. Por meio de agrupamentos dessas imagens, Felinto destaca que o método warburguiano pretendia figurar uma experiência que não se aplica simplesmente à ordem do discurso, dando lugar a outras sensações em maneiras diversas de congregá-las tornando-as terreno aberto de possibilidades.

Já em Gumbrecht, Felinto destaca sua obra *Ler Ambiências* (2011) para demonstrar que o *Stimmung* com o qual o pensador alemão trabalha remete à experiência que o indivíduo pode vivenciar de certa abstração hermenêutica, sendo afetado por aspectos materiais e imateriais dentro de uma obra. Pensando no princípio gumbrechtiano do *Stimmung*, o status relevante aqui dar-se-á, por exemplo, na possibilidade de transformar a sensação de um ambiente a partir da materialidade de uma obra literária.

Assim, mareamos em busca de mais informações para decifrar as legendas sobre a teoria do pensamento líquido flusseriano e encontramos uma certa sinuosidade de como Flusser assinala suas teses. Esta é reafirmada por Felinto nas óticas identitárias do tcheco-brasileiro e nos seus múltiplos pontos de vista. Com suas ideias fortemente influenciadas por Martin Buber – filósofo do “diálogo” e estudioso da religião –, o pesquisador busca, na noção de intersubjetividade do tcheco, o retrato da constituição do ser humano em “projeto” – um atributo fantasmagórico à solidez de um sujeito que se encontra o tempo todo ansiando por seu futuro. Se o próprio entendimento da identidade possui pontos paradoxais na contemporaneidade, é em Flusser que Felinto se apoia quando analisa a força que o debate identitário ganha no presente, porém se localiza numa zona em dissolução, descontinuada e fluida.

Dessa forma, Felinto traz contribuições inovadoras ao evocar o mar como símbolo marcante da singularidade na fluidez da identidade e das teses flusserianas. O enaltecimento da imaginação, a busca de seres vivos afastados radicalmente da nossa filogênese e a proposta de pensar nossa condição pós-histórica e tecnológica para imaginar possíveis futuros são alguns dos prognósticos

apontados pelo pesquisador sobre Flusser. Essas e outras hipóteses estão contidas no que o filósofo denomina como uma “zona cinzenta”, expressão usada por ele como ilustração para designar conceitos que podem se entrecruzar, sejam eles realidade e ficção, ser humano e cefalópode.

Isso tudo recai na já citada capacidade flusseriana de possuir diversos pontos de vista. Essa seria sua posição movente, suas ideias partindo e se deslocando sempre para um *não-lugar*, tal qual as ondas do mar o são que se movem e não podem ocupar o mesmo espaço e nem serem a mesma água quando as atravessamos, como proclamou o pré-socrático Heráclito de Éfeso. Lendo a obra de Erick Felinto, Flusser ocupa realmente um status de um saber fluido, que se liquefaz na maré cheia de diversos enunciados e dos diferentes habitats que emergem. E a cada leitura será mesmo sem bússola. Não porque Felinto não cumpriu sua cartografia-teórica do pensamento líquido flusseriano. Mas sim porque, a cada investida no livro, há de se ter um novo entendimento sobre Vilém Flusser.

### Referências bibliográficas

BORBA, Gabriel. “Presença de Flusser”. In: KRAUSE, Gustavo Bernardo; MENDES, Ricardo (Orgs.). **Vilém Flusser no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2000. p.33-44.

FELINTO, Erick. **O Cartógrafo sem Bússola: Vilém Flusser, Prolegômenos a uma Teoria do Pensamento Líquido**. Porto Alegre: Sulina, 2022.